

Fuja! - 23/06/2021

Mais do que nunca é preciso fugir, mas não abandonar. Mais do que nunca é precisa impor limites. Basta! Fuja! Mas não fugir de repente, mas fugir com cuidado, com o dever cumprido. Isso não há como evitar. A pandemia aliada à tecnologia possibilitou, para algumas camadas e profissões, a não presença. Se, por um lado, há mais liberdade em organizar uma rotina doméstica, aliar tarefas caseiras com tarefas da profissão, não é nenhuma novidade, que, de outro lado, não se sabe exatamente bem o que os outros fazem do lado de lá. Pipocam atividades, acumulam-se problemas. Entretanto, a vida comum é assim.

Nessa barafunda, precisamos de nosso tempo. Pululam transtornos de ansiedade, isso é notícia corriqueira. O cérebro pensa e muito. Mas ele não precisa estar voltado para aquele pensar que quer nos aprisionar. Para isso existe o papel em branco, os livros, a pesquisa, etc. Para que o disco não fique arranhado e repetindo uma nota só. O cérebro não para e, diante disso, ele precisa de refresco. Criatividade! Fuja!

Sabemos, contudo, que fugir está cada vez mais difícil em virtude do quão artificial e instantânea tem sido nossa época. Para onde fugir se há sempre um prédio, uma rua, o celular emitindo algum som? Como fugir se temos que estar sempre online? Não atender o telefone ou responder uma mensagem de WhatsApp já desperta dúvida. Talvez, um caminho possa ser continuar fazendo essas mesmas coisas, respondendo, mas conscientemente. Não estar preso a essa miríade tecnológica sufocante e instigante, ou seja, tentar interiorizar possibilidades mais pregressas de vida, ritmos mais lentos. Sentir o corpo, olhar no espelho, fazer as inadiáveis tarefas mecânicas e repetitivas que servem para que todos os estímulos possam ser processados. Por isso, é preciso fugir, fugir do mesmo, do que está na nossa frente.

Se eu poderia explorar mais esse assunto? Creio que sim, mas por hora eu fujo!